



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

THAISE SILVA REJALA

O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ENTRE O PENSAR E O AGIR

Salvador
2010

THAISE SILVA REJALA

**O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ENTRE O PENSAR E O AGIR**

Monografia apresentada ao curso de graduação de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Mestre Antônio Luiz Ferreira Bahia

Salvador
2010

THAISE SILVA REJALA

**O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ENTRE O PENSAR E O AGIR**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora

Prof. Mestre Antônio Luiz Ferreira Bahia (Orientador) _____
(UFBA)

Prof. Mestre Acúrsio Pereira Esteves _____
(UNIRB)

Prof. Mestre Luiz Alberto Sepúlveda Tourinho _____
UNIME

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por iluminar meu caminho e tornar possíveis as vitórias e conquistas que tenho alcançado, nos momentos bons ou ruins tenho a certeza que ele está sempre ao meu lado, me guiando e me orientando.

À minha mãe, por tanta dedicação e amor, por ocupar a difícil posição de ser mãe e pai ao mesmo tempo, obrigada pelo investimento na minha educação e na minha formação, não só profissional, mas acima de tudo pessoal. Sem você nada teria conseguido, é o meu exemplo de honestidade e dignidade.

Ao meu irmão, por me dar a oportunidade de ver na prática todas as minhas teorias, por me deixar ser criança novamente, por compartilhar a inocência e a pureza do seu sorriso.

Ao meu namorado, pelo apoio constante, pela parceria de amor e amizade, por estar comigo, muitas vezes me ajudando e me incentivando a ir em frente, a lutar pelos meus sonhos.

Ao meu professor orientador Antônio Bahia, por me dar a honra de compartilhar de suas experiências e enxergar um mundo lúdico, por nos dar um leque de possibilidades, contribuindo sempre para a formação de educadores comprometidos e dedicados.

À todos os mestres e doutores que contribuíram para a minha formação profissional e pessoal, me dando o suporte necessário para exercer a arte de educar.

Um agradecimento especial aos meus colegas e amigos que dividiram comigo quatro anos de cumplicidade e aprendizagem, com destaque para Aline Lordelo, Maria do Socorro, Maria Sandreli Moura, Marília da Purificação, Natália Nardi e Renata Cordeiro, tenham a certeza que as levarei para sempre em meu coração.

Enfim, minhas sinceras gratidões a todos aqueles que torceram, sofreram, ensinaram, compartilharam, foram muitos momentos de angústia e felicidade nesses quatro anos e o que sinto agora é um misto de alegria e saudade.

RESUMO

Esta monografia buscou investigar as contribuições da ludicidade para a educação infantil. Para isso foi feito inicialmente uma pesquisa bibliográfica, reunindo os principais conceitos sobre a importância do lúdico para a criança e posteriormente um estudo de caso para observar como o lúdico está sendo utilizado na escola, para isso foram feitas visitas em duas instituições, sendo uma particular, localizada num bairro nobre de Salvador e outra pública, inserida num bairro popular da cidade, nas quais foram observadas crianças na faixa etária de 4 e 5 anos. A pesquisa conta com quatro capítulos, no primeiro foi feita uma retrospectiva histórica da infância, em âmbito mundial e nacional, com ênfase para o momento em que a criança passou a ser fator central de preocupação da sociedade. O segundo ressalta a importância do brincar para o universo infantil. O terceiro traz a relação da ludicidade com a educação de crianças, ressaltando a importância deste na aprendizagem e o importante papel do docente na educação lúdica. O quarto traz o relato das observações feitas nas instituições de educação infantil, fazendo uma análise entre a teoria e a prática.

Palavras-chave: ludicidade, aprendizagem, educação infantil.

ABSTRACT

This monograph investigates the contributions of playfulness to early childhood education. To this was initially a literature search, bringing together key concepts about the importance of play for the child and later a case study to observe the playful being used in school visits were made to it in two institutions, with a particular located in a neighborhood of Salvador and one public, immersed in a popular neighborhood in the city, where they were observed in children aged 4 and 5 years. The research comprises four chapters, the first was a historical retrospective of childhood, globally and nationally, with emphasis on the moment when the child became a central factor of social concern. The second emphasizes the importance of play for the infant universe. The third brings the relationship of playfulness to the education of children, emphasizing the importance of learning and the important role of teachers in education lúdica. O fourth presents the report of the observations made in educational institutions, making an analysis of theory and practice .

Keywords: playfulness, learning, early childhood education

"Brincar é um componente crucial do desenvolvimento, pois, através do brincar a criança é capaz de tornar manejáveis e compreensíveis os aspectos esmagadores e desorientadores do mundo. Na verdade, o brincar é um parceiro insubstituível do desenvolvimento, seu principal motor. No brincar, a criança pode experimentar comportamentos, acções e percepções sem medo de represálias ou fracassos, tornando-se assim mais bem preparada para quando o seu comportamento 'contar'".

(Howard Gardner)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1.A INFÂNCIA E SEUS ASPECTOS HISTÓRICOS	11
1.1.A Infância Negada: Período Medieval	11
1.2.A Infância Institucionalizada	13
1.3.Um Novo Olhar para a Criança	15
1.4. Histórico Infantil Brasileiro	17
2. O LÚDICO E A CRIANÇA	20
2.1. A Importância do Lúdico	20
2.2.Os Direitos da Criança	24
3. O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	26
3.1. Ludicidade x Aprendizagem na Educação Infantil	26
3.2. O Papel do Docente nas Atividades Lúdicas	31
4. A PRÁTICA:OBSERVAÇÃO NAS ESCOLAS	38
4.1. O Ambiente	38
4.2. O Primeiro Contato com as Turmas	40
4.2.1. A Escola X	41
4.2.2. A Escola Y	44
4.3. Análises das Observações	46
5.METODOLOGIA	50
5.1. Tipo de Pesquisa	50
5.2. Caracterização do Local	51
5.3. Sujeitos da Pesquisa	51
5.4. Instrumentos de Investigação	52
CONSIDERAÇÕES	53
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu no decorrer do curso, principalmente após as disciplinas de Educação Infantil e Ludicidade e Movimento no Ensino Fundamental, pois a partir destas a possibilidade de uma educação lúdica tornou-se algo concreto, que fez com que muitos dos estudantes de Pedagogia conseguissem transpor os seus pensamentos para suas atitudes, com isso o lúdico passou a fazer parte das nossas práxis pedagógicas.

Portanto a escolha do lúdico na educação infantil para um trabalho de conclusão do curso, não se deu ao acaso, mas foi feita com carinho, de acordo com certos ideais de educação, pois quem trabalha com educação infantil tem que se despir de certas vaidades e preconceitos, entrar no mundo da criança e para isso é necessário a valorização das suas especificidades, sendo o brincar um dos pontos mais importantes.

As questões do lúdico na educação envolvem reflexões atuais tendo em vista que já não podemos consagrar modelos tradicionais a uma questão tão importante como esta. Desse modo, a compreensão do processo de ensino-aprendizagem com a utilização do lúdico no cotidiano escolar é merecedor de grande reflexão, ultrapassando a medida em seu significado.

Para que ocorra um real entendimento do tema é necessário compreender um pouco mais a história da infância e posteriormente as influências da ludicidade na educação de crianças pequenas. O objetivo destes estudos é trazer subsídios para que os educadores repensem a sua postura e aprimorem seus conhecimentos sobre a relação da ludicidade com a educação infantil.

A escola é um lugar de extrema relevância para qualquer indivíduo, pois é nela que começamos a tecer as primeiras relações sociais, portanto, deve ser um local agradável, acolhedor. E para que essa passagem pelo ambiente escolar seja da melhor forma possível, o lúdico pode ser utilizado para construir esse lugar desejado, maximizando a aprendizagem e possibilitando o desenvolvimento pleno da criança.

Os pensamentos de Vygotsky são muito pertinentes, quando ele afirma que a imaginação em ação ou brincar é a primeira possibilidade de ação da criança

numa esfera cognitiva que lhe permite ultrapassar a dimensão perspectiva perceptiva motora do comportamento, o que faz com que a vivência plena desta fase possibilite a criança um excelente desenvolvimento cognitivo e psicossocial.

Foi preciso que houvesse uma profunda mudança no conceito de infância, e conseqüentemente das crianças, já que estas eram tratadas como seres inacabados e imperfeitos. A partir do momento que se entende que a infância é uma fase primordial na formação do ser humano inicia-se uma preocupação com o mundo infantil e com a maneira de educá-las, para tornar essa fase o mais agradável e proveitosa possível.

Com isso, surge a valorização das atividades lúdicas, estas começam a ser entendidas como fator de desenvolvimento infantil, pois estudos e pesquisas comprovam que brincando a criança potencializa o seu aprendizado e adquire habilidades múltiplas de maneira simples e prazerosa.

Por isso, faz-se necessário que todos os educadores saibam da importância do lúdico na infância, pois, é através das brincadeiras e dos jogos que as crianças socializam-se e vão entrando em contato com o mundo de descoberta e conhecimentos. É durante as brincadeiras que ela vai vivenciando o conceito de regras e aprendendo que cada um tem seu espaço e que devemos ter respeito um pelo outro

Ao estudar sobre o lúdico na educação infantil, muitas inquietações vão surgindo: Como o lúdico vem sendo aplicado no cotidiano escolar? Realmente existe o respeito ao ato de brincar? Questões como essas são motivos de preocupação a partir do momento que se acredita nas atividades lúdicas como a essência para uma boa formação bio-psico-social das crianças.

O objetivo geral deste trabalho é demonstrar as contribuições do lúdico para a educação infantil e observar como está sendo utilizado nas escolas, fazendo uma análise entre as teorias e as práticas. E os objetivos específicos são: reunir as concepções de infância ao longo da história, expor os conceitos de ludicidade ressaltando sua importância para a criança, demonstrar o papel docente na execução dessas atividades e analisar a aplicação do lúdico na educação infantil.

O primeiro capítulo versa sobre a história da educação infantil, trazendo relatos do tratamento que era dado a criança desde a época medieval e a evolução

que foi acontecendo até chegar aos dias de hoje, para tal forma utilizados diversos autores estudiosos deste assunto, como Krammer, Aires, Hellywood e Oliveira.

A construção deste foi necessária para que houvesse a compreensão da concepção infantil, pois só a partir do momento que entendemos o que é ser criança, passamos a dar devida importância esta fase de desenvolvimento humano e, por conseguinte, à relevância das atividades lúdicas neste período.

O segundo capítulo irá explicitar sobre o lúdico e o universo infantil, para isso, foram destacados alguns artigos e leis que afirmam a importância do brincar para o desenvolvimento infantil. Sendo discutido o conceito de ludicidade e a utilização desta no mundo da criança. Para isso foram citados alguns estudiosos do tema como Kishimoto, Benjamin, entre outros.

O terceiro capítulo traz o lúdico para o ambiente escolar, ressaltando a importância deste na educação de crianças pequenas, destacando o importante papel do professor na condução dessas atividades, pois para que a aprendizagem lúdica aconteça na educação infantil, o profissional deve ter um olhar sensível para que alcance bons resultados na formação de seus educandos. Foram utilizados diversos autores como Moyles, Luckesi, Piaget, entre outros.

No quarto capítulo será feita uma análise das observações em duas instituições de educação infantil, as visitas a estas foram feitas com intuito de investigar como o lúdico vem sendo utilizado na educação infantil, para tal inicialmente será feito um relato dos espaços, das atividades, da atitude docente para posteriormente fazer uma analogia entre o pensar e o agir, comparando com documentos oficiais que regem o sistema educacional infantil.

O brincar é natural do ser humano, principalmente nas crianças, que vivem num mundo lúdico. Nós como educadores temos que conhecer sobre o tema, pois é nesse ato que a criança pode desenvolver-se integralmente, devemos utilizar-nos sempre das atividades lúdicas, daí a relevância de estudo contínuo sobre o tema.

1. A INFÂNCIA E SEUS ASPECTOS HISTÓRICOS

Para compreendermos o conceito vigente de infância temos necessariamente que retroceder ao passado, buscando nos aspectos históricos e sociais algumas respostas para o presente. Partindo deste entendimento, o conceito de infância pode ser considerado a partir de uma noção histórica e cultural construída, que sofreu diversas alterações no decorrer dos tempos.

Essa compreensão histórica torna-se essencial para que possamos compreender qual é o papel da criança em determinados momentos, buscando analisar as características infantis próprias de cada período, analisando a existência ou não do lúdico em suas vidas.

Perceberemos diferenças sociais com relação ao tratamento que era dado aos infantes, até hoje essas diferenças sociais são notórias, mas, atualmente a infância é entendida por todos como uma fase aonde o indivíduo vai construindo sua personalidade, formando seu caráter, sendo essencial a vivência plena deste momento.

1.1. A Infância Negada: Período Medieval

Recorrendo-se a definição da palavra infância, oriunda do latim *infantia*, significa “incapacidade de falar”. Considerava-se que a criança, antes dos 7 anos de idade, não teria condições de falar, de se expressar. Assim, percebemos que a palavra infância carrega consigo o estigma de incapacidade. Sendo a criança um ser anônimo, sem um espaço determinado socialmente. (OLIVEIRA, 2007)

Infância Negada foi o nome atribuído por Frabboni (1998) ao período correspondente a Idade Média, pois, nessa época ser criança significava tornar-se companheira do adulto, não havia distinção entre o mundo infantil e o mundo adulto e as crianças eram vistas como mini-adultos, seres incompletos e inacabados.

Essa idéia é reforçada por Ariés (1989) quando afirma que as crianças quando representadas, principalmente através de pinturas, geralmente apareciam numa versão miniatura do adulto. Seus trajés não se diferenciavam daqueles

destinados aos já crescidos. Só percebíamos que eram crianças porque as figuras tinham um tamanho reduzido, embora tivessem traços de pessoas mais maduras.

Vale destacar que existiam diferenças no tratamento dado entre crianças do sexo feminino e masculino, já que “as meninas costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição” (HEYWOOD, 2004, p.76). Sendo assim, a celebração do nascimento de uma criança se diferenciava de acordo com o sexo da mesma.

Nesta época a fase da “infância” tinha uma curta duração, restringindo-se apenas a sua etapa de fragilidade física. Ao adquirir certa independência por volta dos 7 anos, era imediatamente conduzida ao convívio adulto, compartilhando todos os afazeres cotidianos deste, idéia reforçada no trecho a seguir:

De criancinha pequena, ela se transforma imediatamente em homem jovem sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. (ARIÉS, 1989, pg. 10)

Kramer (2006) afirma que existia o momento de “pararicação” infantil, reservado a elas durante os seus primeiros meses de existência. Porém, esse sentimento, aparentemente de carinho, na verdade era uma diversão para os adultos, assim como nos divertimos com bichos de estimação, pois, caso a criança morresse, fato comum devido às precárias condições de sobrevivência, logo era substituída por outra. Segundo Heywood (2004) :

Pode-se apresentar um argumento contundente para demonstrar que a suposta indiferença com relação à infância nos períodos medieval e moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação de filhos. Os bebês abaixo de 2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um “ pobre animal suspirante”, que tinha tantas probabilidades de morrer com pouca idade. (HEYWOOD, 2004, pg.87)

O mesmo cita alguns historiadores que defendem a existência da infância nesse período, apoiados em elementos da época que comprovam a diferenciação entre as crianças e os adultos, como alguns privilégios, entre eles a isenção de

punições, refeições mais frequentes e até mesmo um momento reservado para o brincar, embora fossem momentos esporádicos.

Ressalta ainda que nas classes média e alta, as crianças eram vistas como algo divino, também ajudavam nas tarefas domésticas, mas recebiam mimos que desconsideravam a existência de uma identidade pessoal. A inocência das crianças significava que elas poderiam ter visões celestiais, denunciar criminosos e servir como intermediários entre o Céu e a Terra.

Percebemos, portanto, que o conceito de infância na Idade Média negava à criança o direito de se expressar, de brincar, a educação era voltada para o exercício de um ofício, até mesmo os jogos e brincadeiras do qual participavam eram as mesmas dos seus pais. Porém, com a burguesia em ascensão a criança passa a ser pensada como um indivíduo ingênuo e inocente, precisando assim ser moralizado pelos adultos.

1.2. A Infância Institucionalizada

As concepções claras de evolução ocorreram entre os séculos XVI e XVII, quando o Mercantilismo, que era a estrutura social vigente no período, provocou uma alteração nas visões que se tinham da criança. Esse momento da Idade Moderna foi denominado por Frabboni(1998) de Infância Institucionalizada, fase onde as mudanças sociais, culturais e políticas, fizeram da criança o centro do interesse educativo dos adultos. O auge deu-se com a Revolução Industrial.

Segundo Ariés (1989), a partir deste momento a criança passa de posição de anonimato, para adulto em miniatura até conseguir assumir uma posição específica na sociedade moderna, daí inicia-se a recuperação e divulgação de uma preocupação educativa, onde se compreendia a diferença do mundo adulto para o mundo da criança.

Oliveira (2007) destaca que surgem escolas dirigidas pela Igreja, reservadas para um pequeno grupo de clérigos, do sexo masculino, de todas as idades, o ensino reduzia-se aos salmos, às lições das Escrituras, seguindo uma educação estritamente cristã. Ou seja, a educação da época era voltada exclusivamente para

disciplinar as crianças. Ariés(1989) faz uma crítica a esse tipo de educação:

A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como os loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estende até nossos dias e ao qual se dá o nome de Escolarização. (ARIÉS, 1989, p. 11).

Como vimos, o ensino é, primeiramente, para os meninos (meninas, só a partir do século XVIII). A escolarização passa a ter um cunho mais pedagógico e apesar dessa “valorização” da criança é nessa época que surgem os castigos corporais na escola como forma de disciplinamento dos alunos, o que nos leva a crer que ainda não se tinha uma concepção clara das especificidades da criança.

Karmer (2006) afirma que nesse período começam a surgir as primeiras propostas de educação infantil, onde a criança passa a ser cuidada e escolarizada para mais tarde poder atuar num determinado campo. Essa moralização e escolarização passam a ser trabalho das escolas que abriram as suas portas para os leigos, nobres, burgueses e classes populares (não misturando as classes surge a discriminação entre o ensino de rico e de pobre).

Com a evolução nas relações sociais que se estabelecem a criança passa a ter um papel central nas preocupações da família e da sociedade. A nova organização social fez com que os laços entre pais e filhos, fossem fortalecidos. A partir deste momento, a criança começa a ser vista como indivíduo social, dentro da coletividade, e a família tem grande preocupação com sua saúde e sua educação.

O padrão de criança era a criança burguesa, mas nem todas eram burguesas, nem todas possuíam uma bagagem familiar que era aproveitada pelo sistema educacional. E para resolver esse problema, criaram-se os programas de cunho compensatório para suprir as deficiências de saúde, nutrição, educação e as do meio sócio cultural.

1.3. Um Novo Olhar Para a Criança

O terceiro momento chamado por Frabboni (1998) de Infância Reencontrada é quando na civilização industrial, a criança consegue realmente vivenciar sua infância nos sentidos biológicos, psicológicos e lúdicos. Com relação a isso Oliveira (2007) ressalta: “A criança não é um ser inacabado de uma seqüência de etapas. Ela é sujeito social, histórico, hoje, desenvolvendo-se sim, mas alguém real, cidadã, pessoa, gente.” (OLIVEIRA, 2007,p.111)

Inicialmente a educação infantil surgiu com um cunho de caráter compensatório, onde a pré-escola tinha como função primordial suprir as carências dos diversos setores sociais, ou seja, era encarada com forma de superar a miséria, a pobreza e a negligência da família, ficando o caráter pedagógico um pouco esquecido.

Segundo Kramer (2006), Froebel foi o criador do Kindergarten¹, onde crianças e adolescentes eram como pequenas sementes que, adubadas e expostas a condições favoráveis em seu meio ambiente, desabrochariam. A sua proposta educacional envolvia atividades de cooperação e jogo. Partia da idéia de espontaneidade infantil, acreditando nas características próprias da criança. Kramer (2006) destaca um trecho da obra A educação do homem (1826) de Froebel :

A educação é o processo pelo qual o indivíduo desenvolve a condição humana, com todos os seus poderes funcionando com harmonia e completa, em relação à natureza e à sociedade. Além do mais, era o mesmo processo pelo qual a humanidade, como um todo, se elevando do plano animal e continuaria a se desenvolver até sua condição atual. Implica tanto a evolução individual quanto a universal. (FROEBEL, 1826, pg.33)

A principal finalidade dos jardins de infância era colocar as crianças em relação com a natureza. Reconhecia-se o poder do professor, mas evidenciava-se muito o acontecimento de o aluno ser o principal autor de seu próprio desenvolvimento.

¹ Segundo Kramer (2006) Kindergarten, foi o nome dado aos primeiros jardins de infância, onde se acreditava num ideal de educação infantil, baseado na atividade e liberdade, foi criado por Froebel.

Por volta de 1870 cresce a rede de jardins de infância nos Estados Unidos. O caráter lúdico do trabalho desenvolvido nos jardins de infância foi alvo de violentas críticas por parte dos professores da escola elementar americana, isso aliado as críticas dos jardins de infância à escola primária, afetaram a institucionalização da pré-escola. (OLIVEIRA, 2007)

Kramer (2006) afirma que alguns autores como Comênio, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Froebel e Montessori, estabeleceram as bases para um sistema de ensino mais centrado na criança. Muitos deles estavam comprometidos com questões relativas a crianças que viveram situações sociais críticas.

O filósofo Rosseau é citado por Oliveira (2007), pois segundo esta, ele afirmava que a infância tinha valor em si mesma, caberia ao professor afastar tudo o que pudesse impedir a criança de viver plenamente sua condição. Para ele, a criança nascia pura e que a sociedade a corrompia. Defendia uma educação não orientada pelos adultos, mas que fosse resultado do livre exercício das capacidades infantis (auto-regulação). A aprendizagem se dava por meio das experiências, das práticas, da observação livre, da movimentação.

O checo, educador e bispo protestante, Comênio apud (OLIVEIRA 2007) afirmava que o nível inicial de ensino era o “colo da mãe” e deveria ocorrer dentro dos lares. Ele elaborou um plano de escola maternal em que recomendava o uso de materiais audiovisuais, como livros de imagens para educar crianças pequenas. Para ele impressões sensoriais advindas da experiência com manuseio de objetos seriam internalizadas e futuramente interpretadas pelo uso da razão.

O suíço, Pestalozzi, citado por Oliveira (2007), considerava que a força vital da educação estaria na bondade e no amor, tal como na família, e sustentava que a educação deveria cuidar do desenvolvimento afetivo das crianças desde o nascimento. Destacou o valor educativo do trabalho manual e a importância de a criança desenvolver destreza prática.

Porém, tanto Oliveira (2007) como Kramer (2006) reforçam que a educação pré-escolar ganhou impulso com a Segunda Guerra Mundial, quando cresce relativamente o número de mulheres que trabalham nas indústrias bélicas, o que fez emergir uma preocupação com as crianças, filhas dessas mulheres. Assim a educação pré-escolar passou a dar ênfase às necessidades afetivas da criança,

dando assistência emocional as mesmas.

Oliveira (2007) defende que as mudanças sociais, aliadas a descobertas de trabalhos de Vigotsky e Piaget, entre outros, fez surgir o interesse de estudiosos da aprendizagem pelo conhecimento dos aspectos cognitivos do desenvolvimento, pela evolução da linguagem, e pela interferência dos primeiros anos de vida da criança no seu desenvolvimento acadêmico posterior.

Foi desta maneira que a preocupação com o método de ensino reaparecia. Assim os estudos do pré-escolar começaram a ser enxergados com uma ponte para transgredir as barreiras sociais, como grande fator para mudanças. Surge daí a preocupação real com o desenvolvimento infantil, onde estudiosos começam a pensar no lúdico, nos formatos das salas de aula, ou seja, na melhor maneira de educar as crianças. (OLIVEIRA, 2007)

1.4. Histórico Infantil Brasileiro

A história infantil em nosso país tem de certa forma, acompanhado a história dessa área no mundo, havendo, é claro, características que lhes são próprias. (OLIVEIRA, 2007, pg 91)

Oliveira (2007) afirma que até meados do século XIX, as crianças eram educadas exclusivamente pelas mães, sendo praticamente nulo o atendimento de crianças pequenas em instituições como creches ou parques infantis, situação que começa a mudar a partir da segunda metade do século XIX, quando acontece a abolição da escravatura.

As primeiras iniciativas voltadas à criança tiveram um caráter higiênico, cujo trabalho era realizado por médicos e damas beneficentes, e se dirigiram contra o alto índice de mortalidade infantil, que era atribuída aos nascimentos ilegítimos da união entre escravas e senhores e a falta de educação física, moral e intelectual das mães. (KRAMER, 2006)

Como esse período correspondeu à emergência da Proclamação da República, tinha-se o ideal de construção de uma sociedade moderna, onde, sofrendo influências européias chega ao Brasil os preceitos educacionais do Movimento das Escolas Novas, sendo o Jardim de infância, um desses produtos.

(OLIVEIRA, 2007)

Os jardins de infância foram alvos de muita polêmica, uns criticavam-nos, outros os defendiam, mas na verdade era entendido pela grande maioria da população como salas de asilo francesas, tendo como objetivo atender aos mais pobres, sendo enxergados como instituições de caridade.

Com a Proclamação da República, começam a surgir mudanças significativas no contexto social e em contrapartida no educacional infantil, primeiro com a fundação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância e posteriormente com a criação do Departamento da criança, iniciativa que acabou por suscitar a idéia de assistência científica à infância. (OLIVEIRA, 2007)

Segundo Kramer (2006) com a intensificação da urbanização e da industrialização, ocorre uma modificação na estrutura familiar, pois as mulheres passam a trabalhar nas fábricas e surge a necessidade de lugares onde estas pudessem deixar seus filhos, com muitas lutas e muitos embates surgem as creches, que embora fossem um dever social, eram vistas como um favor, uma caridade.

Inicialmente as creches eram dentro das próprias fábricas, porém, a partir de 1922 surgem as primeiras regulamentações do atendimento de crianças pequenas em escolas maternais e parques infantis, enquanto esses espaços eram vistos como meios de proteção a criança, educadores defendem a implementação de trabalhos pedagógicos baseados no escolanovismo.

Com O manifesto dos Pioneiros da Educação Nova², a educação pré-escolar é vista como a base do sistema educacional, no entanto o debate acerca da renovação pedagógica acaba voltando-se para os jardins de infância, onde estudavam crianças afortunadas, ficando os parques infantis, onde estudavam as crianças de classes desfavorecidas, fora desses preceitos inovadores. (OLIVEIRA, 2007).

Oliveira (2007) afirma que a partir da década de 60 e meados de 70, o nível básico passa a ser obrigatório e gratuito o que consta a Constituição. Há a extensão obrigatória para oito anos desse nível, em 1971. Neste mesmo ano, a lei 5692/71

² O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova aconteceu em 1932, reuniu a elite intelectual do país, para lutar por uma renovação educacional., a principal bandeira era por uma escola gratuita, única, laica e obrigatória.

traz o princípio de municipalização do ensino fundamental. Contudo, na prática, muitos municípios carentes começaram esse processo sem ajuda do Estado e da União.

Já na década de 80, segundo Kramer (2006) surgiu problemas referentes à educação pré-escolar como ausência de uma política global e integrada, falta de coordenação entre programas educacionais e de saúde, predominância do enfoque preparatório para o primeiro grau, insuficiência de docente qualificado, escassez de programas inovadores e falta da participação familiar e da sociedade.

Segundo Oliveira (2007) a década de 90 foi uma época de grande efervescência no cenário nacional, através de congressos e da Constituição de 88, a educação pré-escolar é vista como necessária e de direito de todos, além de ser dever do Estado e deverá ser integrada ao sistema de ensino (tanto creches como escolas). A partir daí, tanto a creche quanto a pré-escola são incluídas na política educacional, seguindo uma concepção pedagógica.

Partindo dessa nova concepção o pré-escolar passa a ser visto como complementando a ação familiar, sendo um dever do Estado e direito da criança. A criança passa a ser vista como um ser social, histórico, pertencente a uma determinada classe social e cultural, desmascarando a idéia de educação compensatória.

2. O LÚDICO E A CRIANÇA

No capítulo anterior observamos as mudanças sociais que levaram a construção de um ideário de mundo infantil, onde a criança passa a ser vista com um ser em desenvolvimento. Segundo Heywood (2004; pg.21) :“A criança é um constructo social que se transforma com o passar do tempo e, não menos importante, varia entre grupos sociais e étnicos dentro de qualquer sociedade”

Foi preciso que houvesse uma profunda mudança da imagem da criança na sociedade para que se pudesse associar uma visão positiva a suas atividades espontâneas, surgindo como decorrência a valorização dos jogos, dos brinquedos e das brincadeiras. Pesquisas na área de psicologia, sociologia e pedagogia enfatizaram a relevância da infância na vida do ser humano.

Brincando a criança desenvolve potencialidades, aprende a comparar analisar, medir, calcular, conceituar e criar. O brinquedo e a brincadeira traduzem o mundo para a realidade infantil, possibilitando a criança a desenvolver a sua inteligência, sensibilidade, habilidades e criatividade, além de socializar-se com crianças e adultos.

2.1. A Importância do Lúdico

O lúdico³ tem sua origem na palavra "ludus" que quer dizer jogo, mas houve uma evolução no sentido desta palavra e o termo deixou de ser considerado apenas, no sentido de jogo (KISHIMOTO, 2001). O lúdico faz parte da atividade humana e caracteriza-se por ser espontâneo, funcional e satisfatório. Na atividade lúdica não importa somente o resultado, mas a ação, o movimento e o momento vivenciado.

Segundo Luckesi (2000) o que caracteriza o lúdico “é a experiência de plenitude que ele possibilita a quem o vivencia em seus atos” (p. 96). A ludicidade como um estado de inteireza, de estar pleno naquilo que faz com prazer, pode estar presente em diferentes situações de nossas vidas.

O termo lúdico abrange tanto o sentido da brincadeira, como o sentido do

³Entenderemos como lúdico, os termos jogo, brinquedo ou brincadeira.

jogo, o que caracteriza a atividade lúdica segundo Dantas (apud KISHIMOTO 2002) é a liberdade, a possibilidade de escolha, para que algo se torne prazeroso, não pode ser imposto, quando isso acontece o lúdico perde-se em si mesmo. Segundo Luckesi (2000):

Brincar, jogar, agir ludicamente, exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo. A atividade lúdica não admite divisão; e, as próprias atividades lúdicas, por si mesmas, nos conduzem para esse estado de consciência. Se estivermos num salão de dança e estivermos verdadeiramente dançando, não haverá lugar para outra coisa a não ser para o prazer e a alegria do movimento ritmado, harmônico e gracioso do corpo. Contudo, se estivermos num salão de dança, fazendo de conta que estamos dançando, mas de fato, estamos observando, com o olhar crítico e julgativo, como os outros dançam, com certeza, não estaremos vivenciando ludicamente esse momento. (LUCKESI, 2000, pg.21)

Assim, entendemos que a ludicidade é algo que deve ser vivido plenamente, não existe brincar mais ou menos, por isso o lúdico exige das pessoas um envolvimento, uma entrega plena, caso isso não aconteça o caráter lúdico não estará presente na atividade, vivenciar, sentir o momento é o que interessa nas atividades lúdicas.

Kishimoto (2001) faz uma diferenciação entre jogo, brinquedo e brincadeira. Afirma que o jogo é estruturado e com regras, o brinquedo é o objeto usado para concretizar a brincadeira, sendo esta o lúdico em ação. Todos três são componentes lúdicos, desde que sejam escolhidos de maneira livre e espontânea, pois é isso que faz com que as atividades lúdicas sejam tão ricas.

Existe até o conceito de cultura lúdica, trazido por Brougère et al, que é o conjunto de regras e procedimentos que torna o jogo possível, é composta por esquemas que permitem o início da brincadeira. Ou seja, a cultura lúdica se apropria de elementos culturais do meio-ambiente da criança para aclimatá-los ao jogo. Essa cultura varia de acordo com o meio social, com o local, com o sexo:

Em vez de ver no jogo o lugar de desenvolvimento da cultura, é necessário ver nele simplesmente o lugar de emergência e de enriquecimento dessa cultura lúdica, essa mesma que torna o jogo possível e permite enriquecer progressivamente a atividade lúdica. O jogador precisa partilhar dessa cultura para poder jogar. (BROUGÉRE et al, 2002, pg. 23)

Confirmando a idéia da cultura lúdica, Brougère (1995) ressalta que é através do jogo, do brinquedo e das brincadeiras que a criança compreende sua sociedade e sua cultura, pois eles são portadores de seus valores e possibilitam ao mesmo tempo, a construção de significados e interpretações que se adaptam a diversas realidades.

Huizinga (1996) escreveu seu livro “Homo Ludens” no qual argumenta que o jogo é uma categoria absolutamente primária da vida, tão essencial quanto o raciocínio (Homo Sapiens) e a fabricação de objetos (Homo Faber), então a denominação Homo Ludens, quer dizer que o elemento lúdico está na base do surgimento e desenvolvimento da civilização. Segundo ele o jogo é:

Uma atividade voluntária exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente de vida cotidiana. A existência do jogo é inegável. É possível negar, se se quiser quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, o bom, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo. (HUIZINGA, 1996, pg.37)

O homem que brinca de Huizinga(1996), não substitui o homo sapiens, que sabe, e raciocina, mas se coloca ao lado e um pouco abaixo deste, mais ou menos na mesma categoria que o homo faber, que trabalha. Reconhece o jogo como algo inato ao homem e mesmo aos animais, considerando-o uma categoria absolutamente primária da vida, logo anterior a cultura, tendo este evoluído no jogo.

O jogo não é colocado como um passo primeiro a determinada função cultural como uma simples transformação do jogo para a cultura, mas reconhece-se a cultura como possuidora de um caráter lúdico e que, sobretudo em suas fases mais primitivas, se processou segundo as formas e no ambiente do jogo.

A presença da ludicidade em nossas vidas desde a pré-história pode ser comprovada através dos registros de brinquedos infantis, demonstrando que o brincar é natural ao homem, independente da origem ou época. Porém, a importância do lúdico para o desenvolvimento da criança foi aferida há pouco tempo, ainda no século passado tinha-se a idéia de que brinquedos eram apenas miniaturas que simbolizavam os adultos. (ÁRIES, 1989)

A interferência do adulto na construção dos brinquedos é destacada por Walter Benjamin (2002) quando ele afirma que:

É impossível construir um brinquedo em um âmbito da fantasia, no país feérico de uma infância ou artes puras. O brinquedo, mesmo quando não imita os instrumentos dos adultos, é confronto, e, na verdade, não tanto da criança com os adultos, mas destes com a criança. (BENJAMIN, 2002, pg, 96)

Antunes (2000) ressalta que a criança é atraída pelo lúdico, por forças internas pela busca de sua evolução que lhes possibilitem o realizar suas necessidades postas pelo seu crescimento natural. Por isso, o lúdico torna-se tão agradável, porque não é algo imposto, mas sim algo livre, que é feito espontaneamente.

Kisihimoto (2001) afirma que independente de época, cultura e classe social, os jogos e os brinquedos fazem parte da vida da criança, pois elas vivem num mundo de fantasia, de encantamento, de alegria, de sonhos, onde realidade e faz-de-conta se confundem.

O jogo está na gênese do pensamento, da descoberta de si mesmo, da possibilidade de experimentar, de criar e de transformar o mundo. O caráter de ficção é um dos elementos constitutivos do jogo e, é um modo de expressão de grande importância, pois também pode ser entendido como um modo de comunicação em que a criança expressa os aspectos mais íntimos de sua personalidade e sua tentativa de interagir com o mundo adulto. (MOYLES, 2006)

Pelo jogo as crianças exploram os objetos que os cercam, melhoram sua agilidade física, experimentam seus sentidos, e desenvolvem seu pensamento. Algumas vezes o realizarão sozinhos, em outras, na companhia de outras crianças, desenvolvendo também o comportamento em grupo. Podemos dizer que aprendem a conhecer a si próprios, ao mundo que os rodeia e aos demais. (LUCKESI, 2000)

Vygotsky (1987) afirma que na brincadeira “a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que ela é na realidade” (pg.117). Para ele, a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento proximal o que favorece o alcance de um desenvolvimento maior do que real, criando, portanto, novas possibilidades

de ação sobre o mundo, é um recriar constante.

2.2. Os Direitos da Criança

Segundo Curtis et al (2006) o direito de brincar da criança foi universalmente aceito na Declaração das Nações Unidas dos Direitos da Criança em 1959 (seção 7) e reiterado em 20 de novembro de 1990, quando as Nações Unidas adotaram a Convenção dos Direitos da Criança. O artigo 31 afirmou que:

Os estados reconhecem o direito da criança de descansar e ter lazer, de brincar e realizar atividades recreacionais apropriadas à sua idade e de participar livremente da vida cultural e das artes.(CURTIS, 2006, pg.40)

Ao estudarmos o Estatuto da criança e do adolescente, percebemos que além de esclarecer os direitos da criança e do adolescente serve como norteador às políticas de atendimento a partir dele foram criados os Conselhos da Criança e do Adolescente e os Conselhos Tutelares, que buscam traçar diretrizes políticas que zelem pelo respeito aos direitos das crianças e dos adolescentes.

Adotada pela Assembléia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959 e ratificada pelo Brasil temos:

7º Princípio – A criança tem direito à educação, para desenvolver as suas aptidões, sua capacidade para emitir juízo, seus sentimentos, e seu senso de responsabilidade moral e social. Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais. A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.

Daí, observamos como a questão do brincar está presente nas leis do nosso país, porém alguns autores reconhecem a importância do lúdico no universo infantil, mas discutem que apesar de existirem documentos oficiais para que se respeite esse direito infantil, ainda não existem políticas públicas que realmente tratem da infância.

Segundo Barreto (1994) a inserção da educação Infantil na educação básica, além de reconhecer a importância da educação nos primeiros anos de vida, é essencial para assegurar ao educando a formação comum, indispensável para o exercício da cidadania e na progressão de estudos e trabalhos posteriores.

Porém Arroyo (2001) considera que apesar dos avanços nas políticas públicas voltadas para a infância, ainda existe uma enorme lacuna entre o legal e o real:

Embora sob o ponto de vista legal, a infância tenha avançado como tempo de direitos, sendo o atendimento educativo da criança pequena uma um dever do Estado e um direito da criança, há no Brasil uma realidade bem distante do desejável com relação ao reconhecimento da criança como pequeno cidadão e da infância como algo natural. (ARROYO, 2001, pg.25)

Na visão de Arroyo (2001) a política pública não deve ser pautada somente pelo sentimentalismo e pela caridade, mas deve ser executada ressaltando primordialmente a função consciente da obrigação pública que a sociedade deve ter perante a infância.

Haddad (2001) entende que os documentos legais existentes no Brasil, relacionados a infância deveriam ensejar que: “A infância é uma etapa da vida, cuja especificidade biológica, cerebral, física, emocional e psíquica difere da fase posterior e por isso requer tratamento específico.”(pg.10)

Ao estudar os Referenciais (RCNEI/98) eles aparentemente ignoram as características mais marcantes da infância, onde predomina a afetividade, a subjetividade, a magia, a ludicidade, a poesia e a expressividade e neste acontece: a mente sobre o corpo; o objetivo sobre o subjetivo o conhecimento sobre a experiência, o pensamento sobre a expressão.

Mesmo havendo controvérsias sobre a prática das leis na educação infantil o ato de brincar é um direito da criança reconhecido em declarações, convenções e leis, como nos mostram a Convenção sobre os direitos da criança de 1989, adotado pela Assembléia das Nações Unidas, a Constituição Brasileira de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990.

3. O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação de crianças é um trabalho cuidadoso que exige amor ao trabalho e dedicação, afinal estamos formando o futuro da nossa sociedade. A educação acreditou durante muitos anos no modelo tradicionalista de ensino, porém as mudanças sociais fizeram surgir outras metodologias de ensino.

Atualmente as maiorias das escolas, principalmente, de educação infantil se renderam a importância do lúdico, a até mesmo as mais tradicionais, buscam inserir a ludicidade de alguma maneira nas suas atividades, isso graças a estudos que comprovam as contribuições do ensino lúdico.

Assim veremos o que dizem alguns estudiosos do assunto com relação a utilização do lúdico na educação infantil e também destacando a postura do professor, para que de fato aconteça uma educação lúdica.

3.1. Ludicidade X Aprendizagem na Educação Infantil

Durante anos as atividades lúdicas eram tidas como fúteis e insignificantes, mas, atualmente pedagogos e psicólogos estão de acordo que o Jogo Infantil é uma atividade física e mental que favorece tanto o desenvolvimento pessoal como a sociabilidade, de forma integral e harmoniosa. A criança evolui com o jogo e o jogo da criança vai evoluindo paralelamente e concomitantemente ao seu desenvolvimento. (KISHIMOTO, 2001)

Considera-se função da educação infantil promover o desenvolvimento global da criança e para que isso aconteça é preciso proporcionar a criança vivenciar seu mundo, explorando, respeitando e reconstruindo. Nesse sentido a educação infantil deve tomar como ponto de partida que esta é um ser com características individuais e que precisa de estímulos, para crescer criativa, inventiva e acima de tudo crítica.

Desde que nasce a criança se comunica por meio de choro, gestos, sons e mais tarde representações através da brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Piaget (1998) afirma que o jogo é essencial na vida da criança. Assim, percebemos a importância desses na educação infantil, período, onde as

brincadeiras são relevantes para todos os aspectos da formação da criança, principalmente para a identidade, autonomia e imaginação.

Segundo Vygotsky (1989) a imaginação em ação ou brinquedo, é a primeira possibilidade de ação da criança numa esfera cognitiva que lhe permite ultrapassar a dimensão perceptiva motora do comportamento. Portanto, a vivência plena desta fase possibilita um desenvolvimento bio-psico-social. O jogo traz oportunidade para preenchimento de necessidades irrealizáveis e também a possibilidade para exercitar-se no domínio do simbolismo, ou seja, o jogo é o objeto que determina a ação da criança.

Através do brincar as crianças podem desenvolver capacidades importantes tais como, atenção, imitação, memória, imaginação e também amadurecer algumas capacidades de socialização. A fantasia e a imaginação são imprescindíveis para que a criança aprenda mais sobre relações entre as pessoas e sobre si mesmas. Segundo Bruner citada por MOYLES (2006):

O ato lúdico representa um primeiro nível de construção do conhecimento, o nível do pensamento intuitivo, ainda nebuloso, mas que já aponta uma direção. O prazer e a motivação iniciam o processo da construção do conhecimento, que deve prosseguir com sua sistematização, sem a qual não se pode adquirir conceitos significativos. "(BRUNER, 1983, pg 52)

Portanto é na atividade natural, espontânea e necessária a criança que se constitui em peça importante na sua formação. A função do lúdico além de contribuir ao mundo das emoções e da sensibilidade da criança também possibilita progressos para evolução do pensamento e de todas as funções mentais superiores.

Os jogos, brinquedos e brincadeiras são atividades fundamentais da infância. O brinquedo favorece a imaginação, a confiança e a curiosidade, proporcionando a socialização e o desenvolvimento da linguagem do pensamento da criatividade e concentração.

Ao brincar, a criança não está preocupada com os resultados. É o prazer e a motivação que impulsionam a ação para explorações livres. A conduta lúdica, ao maximizar as conseqüências da ação, contribui para a exploração e a flexibilidade do ser que brinca. (KISHIMOTO, 2002, pg. 143)

Smith et al (2006) afirma que o comportamento de brincar é uma maneira útil da criança adquirir certas habilidades desenvolvimentais: sociais, intelectuais, criativas e físicas. Muitos educadores acreditam que o brincar é a maneira ideal de desenvolver a criatividade e a imaginação.

Segundo Kishimoto (2001) o jogo pode ter duas funções: a função lúdica que propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente e a função educativa que pode ensinar qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo.

Para Antunes (2000) o jogo pedagógico desenvolve-se com a intenção de provocar aprendizagem significativa, estimular a construção de novos conhecimentos e despertar o desenvolvimento de novas habilidades, sendo, portanto muito proveitoso na aquisição de habilidades múltiplas.

Segundo Kishimoto (2002) o jogo é visto como forma de violação da rigidez dos padrões comportamentais socialmente definidos. Portanto “A conduta lúdica oferece oportunidades para experimentar comportamentos que, em situações normais, jamais seriam tentados pelo medo do erro e punição:

O jogo ao ocorrer em situações sem pressão, em atmosfera de familiaridade, segurança emocional e ausência de tensão ou perigo proporciona condições de aprendizagem das normas sociais em situações de menor risco. (KISHIMOTO, 2002, pg. 140)

Bruner e Vygotsky citados por Kishimoto (2002) relacionam a cultura e o uso de ferramentas ao desenvolvimento da inteligência, portanto o lúdico, no momento em que acontece num ambiente fora de pressões, acaba produzindo flexibilidade que prestigia a busca de ferramentas, ou seja, as atividades lúdicas, ajudam os envolvidos a refletir na busca por soluções.

Os jogos e as brincadeiras proporcionam a multidisciplinaridade e viabilizam a ação do aluno na tarefa de construir significados sobre os conteúdos de sua aprendizagem, explorando de forma significativa os temas transversais que irão construir a formação do aluno cidadão. (KISHIMOTO, 2002)

As crianças sentem grande prazer em repetir jogos que conhecem bem. Sentem-se seguras quando percebem que contam cada vez com mais habilidades

em responder (ou executar) o que é esperado pelos outros; sentem-se seguras e animadas com a nova aprendizagem. (MOYLES, 2006)

O ato de brincar desenvolve na criança uma das mais relevantes funções psicológicas superiores que é a imaginação. A imaginação possibilita à mente humana ser criativa e segundo Fattori citado por Moyles (2006), a criatividade é entendida como o sinônimo de “ pensamentos divergente”, isto é da experiência. Segundo Rodari, citado por Kishimoto (2002):

Uma mente criativa é aquela que trabalha que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde os outros encontram respostas satisfatórias (na comodidade de situação onde se deve prever o perigo), que é capaz de juízos autônomos e independentes (do pai, do professor e da sociedade), que recusa o codificado, que reutilize os objetos e conceitos sem se deixar inibir pelo conformismo (KISHIMOTO, 2002, pg. 140).

O brincar tem papel crucial no desenvolvimento de capacidades como solução de problemas, autonomia, criatividade e flexibilidade. No brincar as crianças podem praticar habilidades e vir compreender o mundo que os cerca. Criatividade e autonomia se desenvolvem quando se proporciona a criança um ambiente familiar e escolar que possibilite essas características. É o homem criativo que a sociedade precisa e que mudará o mundo. (MOYLES, 2006)

Segundo Moyles (2006) o jogo é importante quando usado em hora certa e esse momento certo é apontada pelo caráter desafiador e o interesse do aluno e pelo objetivo do professor. Deve-se considerar se o aluno apresenta maturidade para superar o desafio proposto e jamais quando a criança demonstra cansaço ou desinteresse por seus resultados.

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma saúde mental, prepara um estado interior fértil, facilita o processo de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Segundo Wajkop(1995), a brincadeira consiste num fato social, espaço privilegiado de interação , atividade cuja base genética e comum à arte; uma ação voluntária, consciente e organizada. Para vygotsky(1989), a brincadeira é coisa seria, pois brincando as crianças representam aquilo que gostariam de ser, um

constante faz-de-conta. Dessa forma as relevantes aquisições de uma criança são adquiridas no brincar.

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta.

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não - brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. (KISHIMOTO, 2002)

Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada. Sentimentos, conhecimentos e regras sociais.

A educação lúdica é uma ação inerente na criança e no adulto aparece sempre, como uma forma transacional em direção a algum conhecimento. A criança aprende através da atividade lúdica ao encontrar na própria vida, nas pessoas reais, a complementação para as suas necessidades. Segundo Dantas et al (2002) educar utilizando-se das atividades lúdicas é:

“Sinônimo de abastecer com material, sugestões e proposições de natureza artística. Música, pintura, escultura, dança, poesias, teatro. Brincar de fazer e fruir de todas as manifestações estéticas.” (DANTAS, 2002, pg 118)

O brincar proporciona a criança desenvolver a imaginação, expressar seus problemas e construir sua consciência do contexto real. Ao imitar o adulto e o brincar de faz e conta demonstrando sua vontade de crescer, pois o ato de brincar representa o mundo que ela deseja conquistar.

Bruner citada por Kishimoto (2002) acredita que a brincadeira desde o nascimento da criança deve ser valorizada com elemento constitutivo de ações sensório- motoras. Pela brincadeira a criança aprende movimentos, a fala, e a

resolução de problemas. Portanto, a brincadeira assume um papel preponderante na perspectiva da aprendizagem exploratória.

3.2. O Papel do Docente nas Atividades Lúdicas

O educador pode desempenhar um importante papel no transcorrer das brincadeiras se consegue discernir os momentos em que deve só observar, em que deve intervir na coordenação da brincadeira, ou em que deve integrar-se como participantes das mesmas. (OLIVEIRA, 1992, pg 102)

Com brincadeiras e jogos o espaço escolar se transforma num ambiente agradável, prazeroso, permitindo que o educador alcance grande sucesso na questão da aprendizagem, desenvolvendo as habilidades necessárias em seus educandos.

Oliveira (1992) afirma que durante anos acreditava-se que o aluno era um sujeito passivo da aprendizagem e o professor mero transmissor e não que fosse necessidade real presente na vida do aluno o choro que para a aprendizagem bastava o decorar através de repetição aprendido não ocorresse o aluno era castigado destinado ao fracasso.

Atualmente sabe-se que não existe ensino sem que se efetive desta maneira, este acontece com a ação do professor que busca uma formação continua e o interesse do aluno em ir além do conteúdo em sala, o que torna o ensino mais dinâmico e colaborativo, onde aluno e professor mantêm uma relação mais próxima.

Hoje muitos profissionais de vários seguimentos da sociedade concordam em compreender o jogo como atividades que contem em si mesmo o objetivo de decifrar os enigmas da vida e construir momentos de entusiasmo e alegria na caminhada humana. Se o ensinar não contribuir para a vida a escola perde o sentido de existir. (KISHIMOTO, 2001). Com relação ao papel dos educadores Heaslip et al (2006) defende a seguinte idéia:

Os profissionais precisam ser capazes de justificar por meio de sua prática, por que o brincar é a melhor maneira de uma criança pequena aprender, e depois, precisam ser capazes de articular isso para outros- pais, governantes e colegas. (HEASLIP et al, 2006, pg, 123)

Fortuna (2002, pg. 82) ressalta a importância da formação lúdica do professor: “O preparo do professor para jogar inscreve-se no projeto mais amplo de dotá-lo de recursos para trabalhar com a aprendizagem na perspectiva da ludicidade”. Campos (1986) reafirma a relevância da ludicidade ao afirmar que ela pode ser a ponte facilitadora da aprendizagem se o professor estiver constantemente refletindo sobre sua forma de ensinar.

Quando refletimos a questão da formação do educador infantil percebemos o quanto é relevante valorizar o aspecto lúdico nesta formação. Devido às grandes transformações que estão ocorrendo na sociedade, faz-se necessário pensar o papel de um profissional competente capaz de atender as necessidades das crianças do terceiro milênio.

A formação lúdica deve possibilitar ao futuro educador conhecer-se como pessoa, saber de suas possibilidades e limitações, desbloquear suas resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brinquedo para a vida da criança, do jovem e do adulto.

Mais importante que os adultos sejam pessoas que saibam jogar, é fundamental que se recupere o lúdico no universo adulto. Saber jogar é mais do que mostrar algumas brincadeiras e jogos às crianças, é sentir prazer no jogo... Se é difícil encontrar hoje adultos privilegiados nesta convivência com o lúdico, mais difícil ainda imaginá-los entre educadores de comunidade de baixa renda. (ANDRADE, 1994, pg. 97)

Assim, torna-se fundamental que os professores tenham conhecimento do saber que a criança construiu na interação com o ambiente familiar e sociocultural, para formular sua proposta pedagógica de maneira que possibilite a máxima potencialização do indivíduo.

Segundo Kishimoto (2001), quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelos adultos com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa, desde que mantida a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem.

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão

educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem. Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino- aprendizagem para maximizar a construção conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora. (KISHIMOTO, 2001, pg. 36)

Oliveira (1992) pontua que o professor pode estimular o aluno na busca do conhecimento e é nesse contexto que o jogo ganha relevância como ferramenta na construção e transformação do pedagógico para desenvolver em níveis diferentes através de experiências com o real, novo e o mundo.

Segundo Antunes (2000) o professor deverá contemplar a brincadeira como princípio norteador das atividades didático-pedagógicas, possibilitando às manifestações corporais encontrarem significado pela ludicidade presente na relação que as crianças mantêm com o mundo.

Não é o brincar pelo brincar, mas esse processo educativo valoriza o papel do professor como aquele que organiza, sistematiza e conduz construção da aprendizagem, vale ressaltar que as atividades lúdicas servem de fonte de trabalho para o professor, mas não para o aluno. O papel do educador é ressaltado por Moyles (2006):

Os educadores têm um papel-chave a desempenhar: ajudar as crianças a desenvolver o seu brincar. O adulto pode, por assim dizer, estimular, encorajar ou desafiar a criança a brincar de formas mais desenvolvidas e maduras. (MOYLES, 2006, pg.30)

O docente que tem uma postura tradicional, que acha que é o detentor de conhecimentos, provavelmente não obterá êxito no ensino lúdico, pois o educador que se dispõe a inserir as atividades lúdicas em suas aulas deve estar disposto a negociar regras, ouvir seus alunos e ter um olhar sensível, sabendo que atitude deve tomar perante cada situação.

Apesar de o jogo ser uma atividade espontânea nas crianças, isso não significa que o professor não necessite ter uma atitude ativa sobre ela, inclusive, uma atitude de observação que lhe permitirá conhecer muito sobre as crianças com que trabalha. O brincar fornece oportunidades para uma cuidadosa avaliação sobre

o que é mais importante para as crianças.

A observação do brincar é, ao mesmo tempo, um processo exigente e gratificante para o profissional, desafiando-o a aprender a partir do que ele observa no comportamento espontâneo da criança. A observação também permite ao profissional avaliar a efetividade de seu planejamento ao comparar o que pretende atingir com o efeito real do seu trabalho sobre a qualidade da aprendizagem infantil (HURST et al, 2006, pg. 200)

Segundo Moyles (2006) o professor deve observar o “brincar de faz de conta” como elemento lúdico, pedagogicamente direcionado, usando-o como ferramenta para desenvolver no aluno o pensamento crítico e autônomo. Essas atividades contribuem significativamente no desenvolvimento do conhecimento da criança enquanto ser social, cultural e humano.

O jogo da criança não é equivalente ao jogo para o adulto, pois não é uma simples recreação, o adulto que joga afasta-se da realidade, enquanto a criança ao brincar/jogar avança para novas etapas de domínio do mundo que a cerca. (Luckesi,2002), por isso o docente deve estar atento e respeitar esse lado naturalmente lúdico das crianças.

Segundo Moyles (2006) a criação de espaços e tempos para os jogos é uma das tarefas mais importantes do professor, principalmente na escola de educação infantil. Cabe-lhe organizar os espaços de modo a permitir as diferentes formas de jogos e a possibilidade de participação de todos.

O professor precisa estar atento à idade e às necessidades de seus alunos para selecionar e deixar à disposição materiais adequados. O material deve ser suficiente tanto quanto à quantidade, como pela diversidade, pelo interesse que despertam, pelo material de que são feitos. Lembrando sempre da importância de respeitar e propiciar elementos que favoreçam a criatividade das crianças. Rocha (2000) destaca:

Ao professor cabe organizar o brincar, e para isto, é necessário que ele conheça suas particularidades, seus elementos estruturais, as premissas necessárias para seu surgimento e desenvolvimento. (ROCHA, 2000,pg. 48)

Muitas vezes o professor, que não percebe a seriedade e a importância dessa atividade para o desenvolvimento da criança, ocupa-se com outras tarefas, deixando

de observar atentamente para poder refletir sobre o que as crianças estão fazendo e perceber seu desenvolvimento, acompanhar sua evolução, suas novas aquisições, as relações com as outras crianças, com os adultos. (KISHIMOTO, 2001)

Durante certos momentos dos jogos acontecem com certa frequência conflitos, discussões, disputas entre as crianças. Neste momento o professor deve assumir uma atitude produtiva, no sentido de orientar as crianças a resolver essas divergências, ensinando-lhes a negociar, compartilhar, enfim chegar a um consenso, a uma solução que seja melhor para todos.

Por meio do brincar, as crianças não estão apenas aprendendo a aprender, elas estão aprendendo sobre si mesmas. É necessário ter expectativas elevadas, mas realistas, em relação às crianças e estar disponível para ajudar quando a criança fracassa, para que o fracasso seja visto como uma experiência positiva. Os professores precisam planejar cuidadosamente como podem ajudar as crianças a terem expectativas elevadas e a serem realistas quando essas expectativas não puderem ser atingidas. (HEASLIP, 2006 pg. 126)

Moyles (2006) afirma que através dos jogos cada criança terá a oportunidade de expressar seus interesses, necessidades e preferências. O papel do professor será o de propiciar-lhes novas oportunidades e novos materiais que enriqueçam seus jogos, porém, respeitando os interesses e necessidades da criança de forma a não forçá-la a realizar determinado jogo ou participar de um jogo coletivo.

Cunha(1994) ressalta que a brincadeira oferece uma “situação de aprendizagem delicada”, isto é, o educador precisa ser capaz de respeitar e nutrir o interesse da criança, dando-lhe possibilidades para que envolva em seu processo, ou do contrário perde-se a riqueza que o lúdico representa. As brincadeiras nem sempre precisam ser planejadas, mas a mediação do professor é fundamental:

A brincadeira livre pode contribuir para liberar a criança de qualquer pressão. Entretanto, é a orientação, a mediação com adultos que dará forma aos conteúdos intuitivos, transformando-os em idéias lógico-científicas, características dos processos educativos. (KISHIMOTO, 2002, Pg. 148)

Segundo Moyles (2006) a auto-estima, uma das condições do desenvolvimento normal, tem sua gênese na infância em processos de interação social – na família ou na escola – que são amplamente proporcionados pelo brincar.

É de grande importância que os professores compreendam e utilizem o jogo como um recurso privilegiado de sua intervenção educativa.

Hislam et al (2006) afirma que o jogo é um meio extraordinário para a formação da identidade e a diferenciação pessoal. Entretanto, os professores precisam ser bastante cuidadosos para não reproduzir através de seus valores, os papéis sexistas tradicionais, deve sim estimular e favorecer o crescimento e a identidade, sem reforçar estereótipos sociais, ainda existentes em muitas regiões do país ou arraigados em certas culturas.

Segundo a mesmo, os brinquedos aparecem no imaginário dos professores de educação infantil como objetos culturais portadores de valores considerados inadequados. Fazendo com que estes evitem o uso de certos brinquedos, com receio de estar incitando a violência, por exemplo, ou mesmo fazendo um uso sexista, separando os jogos, brinquedos e brincadeira de acordo com o sexo da criança.

Para solucionar problemas como estes Hislam et al(2006) aponta alguns itens que devem ser observados pelos educadores em relação ao gênero na hora do brincar: variar o contexto do brincar,colocar a criança como centro do processo incentivando-a a escolher, planejar e pensar no brincar, ouvir e observar cuidadosamente e o principal que é questionar-se sobre suas suposições pessoais e profissionais sobre gênero.

É preciso que o professor tenha consciência que na brincadeira as crianças recriam e estabilizam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento, em uma atividade espontânea e imaginativa. Nessa perspectiva não se deve confundir situações nas quais se objetiva determinadas aprendizagens relativas a conceitos, procedimentos ou atitudes explícitas com aquelas nas quais os conhecimentos são experimentados de uma maneira espontânea e destituída de objetivos imediatos pelas crianças. (MOYLES, 2006)

O papel do docente é fundamental, até mesmo sabendo a hora de ficar a parte em certas brincadeiras, porém em outros momentos sua presença torna-se fundamental e até mesmo estimuladora,Bruner citada por Kishimoto (2002) destaca um ponto fundamental para os educadores:

Brincadeiras com o auxílio do adulto, em situações estruturadas, mas que permitam a ação motivada e iniciada pelo aprendiz de qualquer idade parecem estratégias adequadas para os que acreditam no potencial do ser humano para descobrir, relacionar e buscar soluções. (KISHIMOTO, 2002, pg. 151)

Abbott et al (2006) traz os principais pontos sobre as habilidades exigidas ao docente para assegurar um brincar de qualidade: envolvimento e intervenção sensível; planejamento cuidadoso dos ambientes lúdicos, de modo que promovam a expansão da aprendizagem; tempo suficiente reservado ao brincar; observação das atividades lúdicas buscando uma reflexão constante sobre o planejamento.

Uma educação lúdica necessita de seres ativos, dinâmicos, curiosos construtores de seus conhecimentos, possuidores de uma lógica infantil, e isso implica conhecer o desenvolvimento da criança para poder atuar dentro de uma proposta pedagógica comprometido com a práxis e junto da criança construir novos caminhos.

4. A PRÁTICA: OBSERVAÇÃO NAS ESCOLAS

Neste capítulo será feito um relato das observações em duas instituições, que serão chamadas de escola A (rede privada) e escola B (rede pública). A intenção ao visitá-las foi detectar se há utilização do lúdico, como se dá essa prática e se as atividades lúdicas de fato estão sendo utilizadas de maneira favorável ao desenvolvimento das crianças.

Será feita uma análise de acordo com as observações feitas in loco, onde será descrito os espaços físicos, a forma como o professor utiliza o lúdico em suas aulas, o comportamento das crianças e principalmente as aprendizagens adquiridas com essas atividades.

A análise da observação será realizada com o intuito de aliar teoria a prática, tendo como base os referenciais teóricos e o levantamento bibliográfico sobre a infância e o lúdico na aprendizagem feito nos capítulos anteriores, será feita uma análise que buscará investigar se os processos pedagógicos das escolas estão condizentes com o previsto em lei e com os estudos que abordam a importância do lúdico para a educação infantil.

4.1. O Ambiente

O espaço físico é fundamental para que haja a aplicabilidade satisfatória das atividades lúdicas, com certeza não é fator exclusivo para que elas se realizem, mas é ponto crucial para o favorecimento da aprendizagem. Por isso, será feita uma descrição do ambiente e do espaço das escolas.

A escola X localiza-se na Ondina, bairro nobre de Salvador, atende crianças de 1 a 11 anos (Infantil I até Fundamental I), conta também com o período integral, onde as crianças ficam o dia todo na escola, seu público é de classe média a alta. O ambiente é muito acolhedor, as paredes enfeitadas, muitas fotos e muitos cartazes espalhados por toda escola, não é muito grande, mas possui uma boa infra-estrutura.

É dividida em térreo e primeiro andar, no térreo ficam as salas da educação

infantil, os parques, a sala de artes, de teatro, de vídeo e de multimídia, além da farmacinha e da sala da diretora, já no primeiro andar, ficam as salas do ensino fundamental, a biblioteca, a coordenação, a cantina e a sala de informática.

Como a observação deu-se no grupo IV, o primeiro andar foi pouco conhecido. As salas de educação infantil são bem arejadas e agradáveis, o que torna o ambiente saudável para o aprendizado. Cada sala conta com um banheiro e com uma estante cheia de livros e jogos.

Os parques são muito bem equipados, com brinquedos aparentemente novos. Existem 3 parquinhos, dois localizam-se logo na entrada, sendo um para meninos maiores e outro para os menores e o terceiro fica no fundo da escola, onde tem também uma piscinha de areia, plantas e passarinhos, além dos brinquedos, tem mesinhas, cadeiras e lousas infantis.

A escola Y localiza-se na Saúde, bairro popular da cidade de Salvador, atende crianças do grupo II até o quinto ano do ensino fundamental. Seu público é de classe média, baixa. Infelizmente, o ambiente não é tão acolhedor quanto na primeira escola, ao contrário, nem parece tratar-se de uma escola que possui educação infantil.

O espaço para brincadeiras é bem limitado, possuindo apenas num pátio (único para todas as turmas), pois o parquinho está com os brinquedos enferrujados, portanto as crianças ficam limitadas e acabam realizando a maioria das atividades nas suas salas de aula.

A escola tem o térreo, onde ficam as turmas do grupo II até o grupo IV, neste encontram-se o pátio e o parque que não funciona, além da sala dos professores, no primeiro andar ficam as salas do primeiro ano até o quinto, além da biblioteca, que fica fechada para os alunos, já que, somente os professores podem pegar livros.

Na sala de aula da educação infantil tinha um armário velho, as mesas e cadeiras também estavam num estado deplorável. Um ambiente pouco agradável, sem colorido, quente e sem materiais e espaços necessários para o bom desenvolvimento de atividades lúdicas.

4.2. O Primeiro Contato Com as Turmas

Na escola X, foi observado o grupo IV, que possui onze alunos. A turma é bem alegre e possui uma boa relação com a professora, esta trabalha na escola há seis anos e parecia bastante estimulada e realizada em trabalhar com crianças, inclusive contou que é formada em letras, por isso, já tinha até dado aula para ensino médio, mas acabou voltando para o infantil, que é sua paixão.

Não houve aplicação de questionários, apenas conversa com a professora, que foi muito receptiva, se propondo a ajudar e respondendo prontamente as dúvidas que surgiam, pois segundo a mesma, também já fez pesquisa de campo e não foi bem recebida, justamente por isso sabia como era difícil o papel de pesquisador.

Ao explicar que o tema era sobre o lúdico na educação infantil, ela ficou bem entusiasmada, disse que era muito importante esse tipo pesquisa e que em suas atividades utilizava-se do lúdico, pois segundo ela, é uma maneira de fazer com que as crianças aprendam certos conteúdos sem perceber, de maneira espontânea.

Realmente foi motivo de encantamento a forma como ela desenrolava suas atividades, sempre entrando no mundo da criança, não era do tipo de professora autoritária, mesmo assim conseguia o respeito dos seus alunos e a admiração de todos. A escola trabalha com projetos, logo adiante serão apontadas algumas das atividades que mais chamaram a atenção.

Já na escola Y, o grupo observado foi o V, que possuía 13 alunos, mas segundo a professora no início do ano ela tinha um grupo com 17 alunos, a turma era bem agitada, mesmo assim demonstrava um certo carinho por ela. Não foi detectada a mesma empolgação nesta professora, apesar da recepção amigável, mostrou-se pouco a vontade em responder as perguntas e em ser observada.

Formada em Pedagogia pela UNEB, a professora trabalha na escola há 4 anos e é concursada, ela relatou que não agüenta mais crianças pequenas e que não vê a hora de ser transferida para outra escola para trabalhar com crianças maiores. A escola também trabalha com projetos, dos quais serão destacadas as atividades de maior relevância.

4.2.1- Escola X

O que chamou mais a atenção nessa turma foi a boa relação que os alunos tinham com a professora, sempre muito carinhosos e atenciosos a suas explicações e as atividades que ela propunha. A escola trabalha com projetos, mas antes de falar um pouco mais sobre estes, relataremos algumas atividades cotidianas realizadas que chamaram a atenção.

O acolhimento era o momento em que a pró esperava seus educandos sentada no chão da sala, aos poucos eles iam chegando e formando uma roda, quando todos tinham chegado ela começava elegendo o ajudante do dia e marcando no calendário, dia e data, depois colocava a figura de como estava o tempo e por último iam fazendo a chamada juntos e marcando A (ausente) ou P(presente).

A hora do conto era onde a professora contava historinhas, o interessante foi perceber como os alunos mantinham a atenção durante a leitura, eles iam fazendo perguntas e a pró calmamente ia respondendo, mas sempre voltando o foco para a história, ao final ela perguntava o que eles tinham aprendido com aquela história e cada um ia respondendo aleatoriamente.

Terminada a história ela perguntou: Que outros finais vocês dariam para essa história? E pediu para que eles desenhassem e depois cada um explicaria seu desenho para a turma. Foi muito divertido ver a imaginação e a criatividade dos alunos, poder constatar como o lúdico realmente exercita a criatividade e a espontaneidade, ajudando, portanto, no desenvolvimento das crianças.

O primeiro projeto chama-se Alimentação saudável, busca mostrar a importância de uma boa alimentação para a saúde das pessoas, com isso houve um acordo com os pais para que estes incentivassem seus filhos a comer coisas naturais, começando pelo lanche da escola, onde três vezes na semana os alunos só levariam frutas.

Num desses dias, a pró antes de começar o lanche faz uma roda com os alunos, na parede existe um plástico, onde de um lado encontram-se várias gravuras e do outro várias letras, assim ela pede que um de cada vez pegue a figura que corresponde ao lanche que tinha levado e coloque as letras que eles acham que

correspondem ao nome daquela fruta.

Foi perceptível que a maioria acertava pelo menos a primeira letra, outros a primeira e a última. Ao final, quando todos já tinham escrito os nomes de suas frutas, a professora ia para o quadro e escrevia o nome correto das frutas e o engraçado era ver a alegria deles por terem acertado ao menos uma letra.

Ainda dentro deste projeto tem o dia da culinária, onde o lanche é preparado na escola, sempre trazendo na receita ingredientes como verduras ou frutas, uma das receitas que ficou guardada na memória foi o bolo de casca de banana, os alunos se divertiam enquanto preparavam, uns descascavam, outros partiam com a ajuda das auxiliares e sempre com matérias de plástico.

O interessante foi que a professora neste dia foi ensinando matemática sem que eles percebessem, ela ia lendo a receita com eles e perguntando: Que número é esse? E se são cinco bananas e fulaninho comeu uma, quantas ficaram? Assim, eles iam brincando e aprendendo naturalmente, quando a receita ficou pronta todos comeram, até mesmo os que diziam não gostar muito de banana e acabaram adorando.

Outro projeto que merece destaque é Meu corpo e eu, neste foram realizadas várias atividades que buscam que os discentes compreendam as diversas funções do seu corpo, conheçam cada parte dele e, além disso, saibam um pouco mais sobre si mesmos. Algumas atividades que presenciadas merecem aprofundamento na descrição. .

Essa atividade, fez despertar uma emoção particular, pois ao observá-la, a infância foi recordada. Com várias folhas de papel metro a pró pede para que um aluno desenhe se coleguinha deitado, depois ela vai colocando o nome de cada parte do corpo e vai colorindo junto com os alunos, após fazer mais ou menos uns cinco desenhos, ela começa a explorá-los, desenvolvendo conceitos como menor, maior, grande, pequeno, alto, baixo, entre outros.

O gostoso nessa atividade foi a inversão de papéis, pois antigamente era a professora que fazia o desenho do aluno e nessa um colega desenhava o outro, o que ajuda não só a desenvolver a coordenação, mas também a socialização e uma maior aproximação da turma. Depois que terminaram essa parte, todos se lambuzaram os pés e mãos na tinta e carimbaram num papel, que ficou exposto na

parede da sala.

A matemática também era trabalhada nessas atividades, pois ao falar das partes do corpo a professora sempre levantava questionamentos sobre a quantidade de dedos e quantos dedos ficariam se juntassem os dedos dos pés com as mãos e assim em diante.

Outro momento onde o lúdico esteve bem presente foi quando a professora recortou juntos com os alunos vários círculos coloridos e levou-os para a quadra. Chegando lá, foi espalhando junto com as crianças os círculos pela quadra, colando-os com fita adesiva. As crianças estavam empolgadas para saberem o que aconteceria.

A pró então explicou que ela começaria dando as coordenadas e quem não conseguisse seguir iria pro lugar dela e passaria a falar para o grupo. Então começou: Perna direita no círculo branco, duas mãos no círculo vermelho e assim sucessivamente, eles brincaram bastante e foi percebido que alguns erravam propositalmente para poderem assumir o lugar do chefe.

O último projeto que será citado é o Um, dois e infinito, esse já desperta interesse pelo nome, pois ao colocar a palavra infinito ele dá uma idéia de múltiplas possibilidades, de aprendizado contínuo, sem limites, onde o aluno está sempre aprendendo.

A atividade que será salientada deste projeto é a trilha dos saberes, jogo confeccionado e criado pelos próprios alunos com o auxílio da professora. Numa folha de papel metro foi desenhado uma trilha enorme, os alunos desenharam, pintaram, criaram gravuras e discutiram as regras com a pró.

Depois de confeccionado começou o jogo, a professora tinha feito umas fichinhas com alguns probleminhas como, por exemplo: o desenho de uma maçã mais o desenho de três maçãs o sinal de igual e uma interrogação. Começaram bem empolgados, mas logo cansaram e começaram a se dispersar. Aí o papel da professora foi fundamental, pois ao perceber o desinteresse da turma, logo criou outra brincadeira.

O destaque desta atividade está no comportamento dos alunos e da docente, o interesse deles voltou-se mais para a construção do jogo, do que para utilização do mesmo, nessa situação o professor tem duas escolhas, insistir em impor suas

vontades, tirando o caráter lúdico da brincadeira ou ter o olhar sensível, sabendo a hora de parar e fazer outra coisa.

Um projeto que causou admiração foi o Brincando de sucata, neste as crianças traziam caixas de papelão, garrafas plásticas, entre outros, e a professora transformava e tudo em brinquedo. E ficava no cantinho da estante, a exposição dessas confecções, tinha carrinhos, bolsas, joguinhos, bonecas e muitos outros brinquedos. Foi notória a felicidade das crianças por estarem produzindo seu próprio brinquedo.

Esses foram alguns dos projetos observados, nos quais podemos vivenciar o aprendizado do lúdico junto com a turma, mas fora dos projetos outras atividades lúdicas com certeza contribuem para a formação dos discentes, como as aulas de Teatro, Música e Educação Artística que são dadas por diferente professores.

O teatro das prós, acontecia semanalmente, neste as professoras tratavam de eixos paralelos como conservação do meio ambiente, respeito aos idosos, entre outros temas relevantes, no pátio todas as turmas se reuniam e as crianças contemplavam com grande admiração a atuação das professoras, enquanto se divertiam, aprendiam sobre assuntos importantes para a sociedade.

Como o lúdico abrange todas as atividades livres e prazerosas, não se pode deixar relatar sobre as aulas de Artes, onde eles estudavam a cada mês a vida de um artista escolhido, a pró apresentava um quadro famoso do artista e explorava bastante as cores, as formas, além de estimular a imaginação deles pedindo para que criassem suas pinturas, fizessem objetos de artesanato, sempre estimulando a criatividade.

4.2.2. Escola Y

Desde o primeiro contato com a turma pôde ser percebido que a relação com alguns alunos era um pouco conturbada, embora a maioria demonstra-se certa admiração pela professora, o que me incomodou um pouco foi a despreocupação desta em inserir alguns alunos “indisciplinados” em suas atividades.

A docente informou que a escola trabalha com Projetos e que ela fazia o seu

planejamento quinzenalmente, às vezes até mensalmente. Havia um esforço por parte da professora em inserir o lúdico em suas atividades, embora algumas vezes acabasse não conseguindo atingir os seus objetivos.

Bem interessante foi o projeto Aprendendo a contar, onde ela realizou uma atividade de boliche, os pinos foram substituídos por garrafas de refrigerante e a bola comprada pela própria professora, durante as atividades as crianças iam aprendendo a somar, diminuir e assim iam adquirindo as noções básicas de matemática. Nesta os alunos brincaram bastante, respondendo prontamente aos questionamentos que lhes são feitos.

Outra situação onde o lúdico estava presente foi uma brincadeira que a professora chamava de passo a passo, onde ela organizou a turma numa fileira horizontal e utilizava-se de um dado e de fichas de comando, o objetivo era chegar ao outro lado da sala, mas para isso cada participante jogava o dado e o número que caísse era o número de passos que ele deveria dar, mas em seguida o participante escolhia uma ficha, que tinha os comandos: mais dois, menos dois, etc.

Durante a execução a professora ia perguntando se ele deu seis passos e vai voltar dois, quantos passos ele avançou a turma brincava e se entusiasmava bastante, principalmente os que já estavam quase chegando do outro lado. Com isso, além de exercitar cálculos, ela fazia com que as crianças aprendessem a lidar com seus sentimentos, com as adversidades que a vida oferece, pois, muitas vezes faltava um ponto pra chegar e eles tiravam a ficha menos 6, por exemplo e voltavam novamente, aprendendo a reconstruir.

Um momento que vale a pena ser citado é o da leitura, que faz parte do projeto Grandes leitores. Num desses momentos a professora levou os alunos para o pátio, que na verdade, é um espaço ao ar livre e começou a ler A casa sonolenta, só que aos poucos os alunos foram ficando desatenciosos. Nervosa, a pró começou a gritar e pedir que eles prestassem atenção na leitura.

Neste momento o lúdico se perdeu completamente da atividade, pois deixou de ser um momento de prazer, de liberdade e passou a ser um momento de repressão, de imposição. Não conseguindo mais controlar a turma, acabou voltando para a sala e dando folhas de ofício para que fizessem desenhos, não que o desenho não seja algo importante, mas da maneira que foi utilizado, como forma de

deixar as crianças quietas, me deixou intrigada.

Vale destacar os projetos ligados a Arte, onde eram feitos trabalhos baseados nas obras de determinado artista, o artista da turma foi Portinari, a docente leu a vida dele aos poucos para os alunos e ia trazendo as curiosidades sobre ele. Depois ela apresentou alguma de suas obras e foi explorando bastante a textura, a cor, as formas.

O que observamos é que a professora até se esforçava para atrair as crianças, mas logo desistia por falta de materiais necessários, por falta de espaço ou por não saber como envolver a turma para que conseguisse desenvolver as atividades propostas, acabava interrompendo as atividades pelo meio ou os deixando fazer o que quisessem.

4.3. Análise das Observações

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a educação na Seção II, artigo 29, define a educação infantil como:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

É interessante essa descrição, pois vemos que o desenvolvimento não está centrado no intelecto e sim em todos os aspectos, físicos, sociais e psicológicos, para que ocorra esse desenvolvimento integral, o lúdico assume um importante papel na educação de crianças, pois é a partir dele que as aprendizagens vão acontecendo naturalmente.

Seja no ensino de noções matemáticas, de português, de natureza e sociedade, a ludicidade é fator presente. Porém para que ocorra de maneira satisfatória, faz-se necessário a presença de alguns elementos, como espaço, movimento, materiais, além da atitude docente.

Nos Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil são destacados pontos importantes para que ocorra um bom desenvolvimento e, por conseguinte,

uma boa aprendizagem na educação Infantil. Segundo ele o movimento é um ponto crucial e deve estar presente nas Instituições:

Ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas. Nesse sentido, as instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesmas, dos outros e do meio em que vivem. (RCNEI, vol. 3,pg 16)

Com relação ao ambiente físico, infelizmente a realidade não condiz com o Referencial, pois, a desigualdade econômica faz-se presente em nosso país, os recursos financeiros destinados à educação são desviados e assim nossas crianças sofrem, ainda que inconscientemente, com o descaso e com o abandono do ensino público e o RCNEI distancia-se da realidade das escolas públicas.

Enquanto na Escola X, a estrutura faz com que as crianças sintam-se acolhidas, protegidas e desafiadas a brincar, pular, correr, rodar, escorregar, jogar bola, entre muitas outras, na Escola Y acontece exatamente o contrário, o espaço é pequeno e ainda compartilhado por várias turmas de diferentes idades, acaba sendo praticamente inutilizado pela turma e com isso poda-se as inúmeras possibilidades de movimentação infantil.

Como pode o parque, lugar tão desejado e esperado pelas crianças, estar enferrujado e inativo? Realmente é angustiante ficar na escola só estudando, sem ter um momento para brincar livremente, para extravasar as energias, principalmente ao tratarmos de criança com 5 anos de idade, que deveriam estar explorando ao máximo o seu corpo e as inúmeras possibilidades de movimento deste. Entretanto, infelizmente, é isso que acontece na escola Y.

Ainda sobre o movimento o RCNEI afirma ser necessário diferentes espaços e materiais, além de repertórios culturais corporais que são expressos em brincadeiras, jogos, danças, atividades esportivas, entre outras práticas sociais. Porém, infelizmente esse acesso não é igual para todos, ficando a escola Y muito aquém do que desejamos para a educação infantil.

Enquanto na escola X, os alunos dispunham de uma gama de atividades

complementares, ligadas a Arte, Música e Dança na escola Y os alunos tinham um acesso bem mais restrito, a professora esforçava-se no sentido de apresentar o máximo de práticas culturais que era possível, mas a falta de recursos impossibilitava uma aprendizagem mais enriquecedora.

Sobre os materiais, o RCNEI (volume 3, pg. 104) traz que são importantes como garantia de acesso a uma grande diversidade de instrumentos, meios e suportes. Porém, mais uma vez, afasta-se da realidade, pois na escola Y, da rede pública de ensino, esses materiais são precários e insuficientes, não conseguindo dar conta deste quesito.

Sobre o brincar, o RCNEI (volume 2, pg. 23) traz que:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

A importância do brincar é reconhecida nas duas Instituições visitadas, as professoras buscavam sempre trazer o lúdico para suas aulas, embora a da escola Y encontre dificuldades, como falta de espaço e de material, ela não deixava de favorecer as aprendizagens pela ludicidade, demonstrando ter conhecimento sobre o tema e dentro do possível tornava-o presente em seu ensino.

Ainda sobre o jogo, o RCNEI (vol. 3, pg. 210) traz:

O jogo tornou-se objeto de interesse de psicólogos, educadores e pesquisadores como decorrência da sua importância para a criança e da idéia de que é uma prática que auxilia o desenvolvimento infantil, a construção ou potencialização de conhecimentos.

Com a relação a postura do docente perante as atividades lúdicas temos:

O professor deve refletir sobre as solicitações corporais das crianças e sua atitude diante das manifestações da motricidade infantil, compreendendo seu caráter lúdico e expressivo. Além de refletir acerca das possibilidades posturais e motoras oferecidas no conjunto das atividades, é interessante

planejar situações de trabalho voltadas para aspectos mais específicos do desenvolvimento corporal e motor. Nessa perspectiva, o professor deverá avaliar constantemente o tempo de contenção motora ou de manutenção de uma mesma postura de maneira a adequar as atividades às possibilidades das crianças de diferentes idades. (RCNEI, vol.3, pg. 38):

Com relação a isso, tanto a educadora da escola X, como a da escola Y estão atentas, a diferença é nas dificuldades encontradas pela professora da escola Y, pois, a da escola X consegue refletir melhor sobre as manifestações de motricidade infantil, já que o ambiente em que ela trabalha é favorável e possibilita um olhar mais apurado nesse sentido.

Segundo o RCNEI (volume 2, pg. 28) o objetivo da educação infantil com crianças de quatro a seis anos é que elas sejam capazes de:

- ter uma imagem positiva de si, ampliando sua autoconfiança, identificando cada vez mais suas limitações e possibilidades, e agindo de acordo com elas;
- identificar e enfrentar situações de conflitos, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade;
- valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração e compartilhando suas vivências;
- brincar;
- adotar hábitos de autocuidado, valorizando as atitudes relacionadas com a higiene, alimentação, conforto, segurança, proteção do corpo e cuidados com a aparência;
- identificar e compreender a sua pertinência aos diversos grupos dos quais participam, respeitando suas regras básicas de convívio social e a diversidade que os compõe.

Chegamos a conclusão que o lúdico perpassa por todos os pontos citados acima, apesar do brincar ser um dos aspectos tidos como capacidade, é através deste que a educação infantil consegue atender às necessidades infantis, contribuindo em muito para o desenvolvimento integral da criança, tido como finalidade da educação infantil. Brincando a criança desenvolve-se nos aspectos físicos, sociais, intelectuais e psicológicos.

5. METODOLOGIA

5.1. Tipo de Pesquisa

Devido ao tema, que foi exposto na Introdução acreditamos que a pesquisa qualitativa foi a melhor opção encontrada para desenvolver este trabalho. Portanto será feita um breve descrição sobre esse tipo de pesquisa, para fundamentar e justificar a escolha da mesma.

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. (CHIZZOTTI, 2006).

Segundo Andre (2005) a pesquisa qualitativa envolve a descrição de dados obtidos pelo pesquisador através do contato direto com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes diante dos fatos que envolvem o contexto social, visto que suas raízes têm origem na fenomenologia, metodologia que apresenta diferentes variáveis investigativas.

Pádua (2007) afirma que se trata de uma metodologia geral para desenvolver teoria que está inserida em dados sistematicamente coletados e analisados. A teoria surge durante a própria pesquisa e isso ocorre através da interação contínua entre a coleta e a análise de dados

Nossa pesquisa dividiu-se em dois momentos. Primeiro foi feita uma pesquisa bibliográfica que segundo Pádua (2007) é fator primordial em qualquer pesquisa, pois é ela que coloca o pesquisador em contato com tudo o que já foi produzido a respeito do tema, sendo uma tarefa árdua a seleção das principais obras autores e fontes.

Gil (1999) afirma que esse tipo de pesquisa, elege uma problemática e, a partir disso, estabelece um escopo para ser pesquisado na literatura, requer atenção, disciplina, sistematização e aprofundamento por parte do pesquisador. É necessário que o pesquisador estabeleça os limites da pesquisa, definindo claramente o

problema de pesquisa, os fenômenos e o contexto a ser pesquisados.

Como o tema deste trabalho é “O Lúdico na Educação Infantil: entre o pensar e o agir”, depois de feito um estudo bibliográfico, onde comprovamos a importância do lúdico na educação infantil, fomos ver como de fato estava acontecendo o lúdico nas escolas, então partimos para o estudo de caso.

O estudo de caso é um meio de organizar os dados, preservando do objeto estudado o seu caráter unitário. Considera a unidade como um todo, incluindo o seu desenvolvimento (pessoa, família, conjunto de relações ou processos etc.). Vale, no entanto, lembrar que a totalidade de qualquer objeto é uma construção mental, pois concretamente não há limites, se não forem relacionados com o objeto de estudo da pesquisa no contexto em que será investigada. Portanto, por meio do estudo do caso o que se pretende é investigar, como uma unidade, as características importantes para o objeto de estudo da pesquisa. (VENTURA, 2007, pg. 394)

Pádua (2007) ressalta a importância do estudo de caso ao afirmar que ele possibilita um conhecimento mais global do contexto e por isso transforma-se em um novo momento de aprendizagem, o que torna mais dinâmico, rico e desafiador o processo de pesquisa.

5.2. Caracterização do local

Nosso objetivo era investigar como o lúdico estava sendo utilizado no dia-dia da educação infantil, por isso, escolhemos duas escolas, sendo uma particular e outra pública (já descritas no capítulo anterior), pois acreditamos que devido as diferenças de localização e de público, nos daria uma visão mais real, mais ampla da utilização do lúdico na educação infantil, não se restringindo a classe social do público alvo.

5.3. Sujeitos da Pesquisa

Segundo Kishimoto(2002) o brincar é mais importante na faixa etária de 0 a 6 anos, fase em que o mundo é basicamente lúdico, devendo o docente saber respeitar essa fase e ter o conhecimento suficiente para desenvolver atividades que

sejam condizentes com a faixa etária das crianças.

Por isso nossa opção foi por fazer a pesquisa com crianças entre idades de 3 a 6 anos, apesar das turmas observadas serem os grupos 4 e 5, existiam crianças no grupo IV com 3 anos de idade, assim como tinham crianças no grupo V com 6 anos de idade. A turma do grupo IV tinha 11 alunos e a do grupo V possuía 17 alunos, embora todo o tempo que foi observada, apenas 13 alunos freqüentavam a escola.

5.4. Instrumentos de Investigação

Devido aos diversos problemas encontrados, como indisponibilidade dos profissionais para responder questionários, protocolos exigidos pelas escolas para entrevistas com as crianças, entre outros, optamos por utilizar a técnica de observação direta.

Segundo Gil (1999) as técnicas de observação, são uma forma de levantamento naturalista que permitem a investigação de fenômenos nos seus contextos de ocorrência natural. A observação direta implica a inserção do investigador na população ou na sua organização ou comunidade, para registrar comportamentos, interações ou acontecimentos. Este envolve-se nas atividades que está a estudar, mas tem como prioridade primária a observação.

Ressalta ainda que a observação direta pode ser usada como técnica de curto ou longo prazo. O avaliador/investigador tem de permanecer o tempo necessário para se integrar no ambiente e na cultura local e ganhar a aceitação e confiança dos atores locais regulares.

Portanto, apesar de não haver a aplicação de questionários, o registro de fotos, entre outros, a convivência com os sujeitos da pesquisa contribuíram para muitas reflexões e considerações a respeito do tema em estudo.

CONSIDERAÇÕES

O lúdico e a educação infantil são processos indissociáveis, isso ficou muito claro, principalmente na pesquisa de campo, onde o brilho no olhar das crianças, a alegria e o prazer na execução das atividades, fez com que pudéssemos comprovar a importância da ludicidade na educação infantil.

O brincar tem papel crucial no desenvolvimento total das crianças, através dele as crianças vão adquirindo habilidades como a capacidade de resolver problemas, a criatividade e a flexibilidade, é brincando que acontece a aprendizagem na educação infantil, pois, é através do lúdico que as crianças podem compreender o mundo que as cerca.

A criatividade, a autonomia, o respeito pelo outro e por si próprio, são também alguns dos muitos aspectos que podem ser desenvolvidos durante a execução de jogos e brincadeiras, o interessante é ver que são conceitos intrínsecos, que são adquiridos espontaneamente, sem nenhum tipo de pressão.

O interesse pelo tema possibilitou uma doação total a este trabalho e uma aprendizagem lúdica, sim, porque aconteceu de maneira extremamente prazerosa, onde os tópicos, os capítulos, foram sendo construídos gradativamente, de acordo com as leituras realizadas e com as orientações dadas.

Ficou muito claro que a ludicidade é um espaço de construção, onde as crianças, a partir de um mundo de faz - de - conta, aprendem a resolver problemas, a planejar, discutir, enfim, constroem sua autonomia, desenvolvem habilidades físicas, emocionais e intelectuais, para que aconteça uma aprendizagem lúdica, faz-se necessário um conhecimento prévio do professor.

O professor assume um papel preponderante, pois, enquanto as crianças brincam, ele analisa, observa, reflete e planeja a sua práxis pedagógica. Pois, o brincar independente de ser livre ou mais direcionado deve ser encarado como brincadeira para os alunos, mas para o docente, deve servir como fonte de trabalho pedagógico.

Apesar do importante papel docente nas brincadeiras, é preciso um tratamento cuidadoso por parte destes, já que a brincadeira também é um meio de

acesso cultural, o professor deve ter cuidado para não estereotipar certos tipos de brincadeiras e com isso deixar de oportunizar diferentes brincadeiras a seus alunos, baseados em preconceitos pessoais.

No primeiro capítulo foi feita retrospectiva histórica sobre a infância e percebemos como o papel social da criança foi mudando, antes entendida como um ser incompleto, inferior aos adultos a agora vista com plena possibilidade de desenvolvimento, necessitando a vivência plena desta fase para poder crescer feliz e ter um bom desenvolvimento, tanto intelectual como psicológico, sendo o lúdico um dos meios que possibilita essa formação integral.

Durante a construção deste capítulo houve um momento de tristeza, primeiro com o passado e segundo por perceber que apesar do grande avanço que tivemos com relação a criança, muitos ainda as tratam como na época medieval, como miniaturas de adultos, isso não restringi-se a educação escolar, mas também a familiar, onde muitas vezes os pais exigem posturas muito maduras de seu filhos e acabam esquecendo de deixá-los brincar, e aproveitar ao máximo esta fase tão importante.

No segundo capítulo trouxemos estudos de diversos autores sobre a importância do lúdico, inclusive discutindo o direito da criança brincar, mostrando como a ludicidade é algo presente desde sempre em nossas vidas e como se apresenta também como meio de manifestação cultural.

No terceiro capítulo foi trazida a questão lúdica aliada à educação infantil, demonstrando a importância da ludicidade para a formação plena da criança, comprovando através de estudos sobre o tema o relevante papel do brincar na construção da aprendizagem, destacando também o papel do professor na condução, reflexão e planejamento da atividade lúdica.

No quarto capítulo são relatadas as observações feitas nas duas instituições de educação infantil. A possibilidade de presenciar diversas formas de implantação das atividades lúdicas enriqueceu bastante o trabalho, concretizando todas as teorias e estudos sobre o assunto.

Foi encantador ver as múltiplas possibilidades de educação lúdica, seja nas noções de matemática, português, ciências, história, em todas as disciplinas o lúdico é transversal e pode ser utilizado. No entanto, a realidade, infelizmente não condiz

com os nossos ideais e para que ocorram as brincadeiras, jogos, enfim, as atividades lúdicas, alguns fatores são necessários e nem sempre são encontrados.

Ao visitar a escola Y, percebemos que as desigualdades sociais, já estão presentes no ensino desde a educação infantil, falta de espaço, de material, de preparo, de conhecimento, esses foram alguns pontos encontrados na visita a uma instituição pública.

Por isso, mais uma vez, vale ressaltar a importância deste tema, principalmente para o professor de educação infantil que deve conhecer a fundo a ludicidade para que, quando ocorram problemas como os citados, ele saiba criar, utilizar-se de outros meios para conseguir desenvolver duas atividades.

Estas observações fizeram com que tivéssemos mais certeza da importância do lúdico e da necessidade de transformação nos cursos de Pedagogia é através destas atividades estimular as crianças a expandir suas consciências, entrando em contato com as diversas possibilidades presentes na vida.

Para isso, as instituições de ensino superior, devem inserir em seus currículos, mais disciplinas ligadas a esse tema, pois a maioria das disciplinas que tratam do lúdico, nem são obrigatórias, mostrando um descaso, já na formação do docente.

Graças a educação lúdica podemos questionar os padrões de medo e sofrimentos incontidos em nossa sociedade, sugerindo outras formas de ver a vida. O lúdico pode ser uma possibilidade de mudança, onde a criança é vista como um ser que pensa, que fala, que se manifesta com o corpo.

Ao atuarmos junto às atividades lúdicas passamos a compreender as diversas manifestações da criança (como correr, pular, rir, pensar, agarrar, puxar, chorar, emocionar, sentir, falar, dar cambalhotas, ferir-se, curar-se e etc.), como algo natural, avistando-a como um ser na sua totalidade.

Como as observações foram feitas em duas escolas, sendo uma particular e outra municipal, ficou comprovado as desigualdades já existentes no mundo infantil, enquanto a primeira conta com uma ótima infra-estrutura, com profissionais qualificados, que fazem curso de reciclagem constantemente, a outra não possui condições mínimas para o desenvolvimento do lúdico.

O lúdico é fator primordial na educação infantil e deve ser tratados pelos

educadores e pelo poder público com seriedade e dedicações, para isso, os educadores, além de utilizar o lúdico nas suas atividades, devem saber o porquê o fazem e defender a importância destes principalmente nos primeiros anos de vida da criança.

A questão educacional urge providências, que não são apenas ligadas a qualificação profissional, mas sim a toda estrutura de ensino, que vai desde materiais pedagógicos ao ambiente das escolas, sendo esta uma luta política, onde cabe a nós, profissionais envolvidos com a educação cobrar soluções e dentro do possível, criar soluções para esses problemas educacionais.

O brincar é um direito da criança e pode ficar apenas no papel, o professor de educação infantil deve ter consciência da influência que exerce sobre as crianças e tirar proveito disso, não sendo um déspota, tirano, que prefere alunos quietinhos e enfileirados, mais sim sendo formador ou transformador social e para isso deve apropriar-se do lúdico e construir uma aprendizagem significativa, baseada no respeito, na criatividade e na autonomia de seus educandos.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, Lesley. “**Brincar é bom! Desenvolvendo o brincar em escolas e salas de aula.**” In: MOYLES, Janet. et al. A excelência do brincar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ANDRADE, Cyrce M. R. J.. “**Vamos dar a meia-volta e meia volta vamos dar: o brincar na creche**”. In: Oliveira, Zilma Ramos (org.) Educação Infantil: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 1994.

ANDRÉ, D.A. **Etnografia da prática escolar.** Campinas: Papyrus, 1995. Disponível em: < <http://books.google.com.br/booksetnografiadapraticaescolar.htm>> Acessado em 20 de outubro de 2010.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências.** 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000 .

ARIÉS, Philippe. **Historia social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Zahar.1989.

ARROYO, MIGUEL. **O significado da infância.** São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: < www.sumare.edu.br/raes/edicoes/ed02/educacao_infantil-anita.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2010.

ABNT, **Associação Brasileira de Normas Técnicas.** *NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração.* Rio de Janeiro, 2002. encontrada em: <<http://www.monografia.net/abnt/index.htm>>, acessada em 24 de outubro de 2010.

BARRETO, Ângela Maria Rabelo F. **Por uma política de formação do profissional de educação infantil.** In: Anais do I Seminário Nacional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI.1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a03.pdf>> Acesso em 17 de setembro de 2010

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação** .34ªed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRASIL., **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Editora do Brasil. 1996 Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em 12 de setembro de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** vol. 2 Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf> > Acesso 10 setembro de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** vol. 3 Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> > Acesso 13 setembro de 2010.

BROUGÈRE, Gilles . **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **“A criança e a cultura lúdica”**. In: Kishimoto, Tizuko Morchida. O Brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira,Thomson Learning,2002.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Aprendizagem**. 19^o ed., Petrópolis: Vozes, 1986. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=1724>> Acesso 17 de setembro de 2010

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CUNHA, Nylse H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Maltese, 1994.

CURTIS, Audrey. **“O brincar em diferentes culturas e em diferentes infâncias”**. In: MOYLES, Janet. et al, A excelência do brincar/ Porto Alegre: Artmed, 2006

DANTAS, Heloysa. **“Brincar e trabalhar”**. In: Kishimoto, Tizuko Morchida. O Brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira,Thomson Learning,2002.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Papel do brincar: aspectos a considerar no trabalho lúdico**. In:*Revista do Professor*. Porto Alegre, p.9-14, jul/set.2002. Disponível em: <www.educacional.com.br/revista/0107/pdf/entrevista.pdf > Acesso em 19 de setembro de 2010.

FRABBONI,Franco.”**A pedagogia: A infância e a sua escola”**. In:Zabalza, Miguel (Org.) Qualidade em educação infantil. Porto Alegre:Artmed, 1998.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HADDAD, Lenira. **Educação infantil no Brasil: Refletindo sobre as dimensões do cuidado, educação e socialização da criança**. São Paulo: USP/ Faculdade de educação, 2001

HEASLIP, Peter. “**Fazendo com que o brincar funcione na sala de aula**”. In: Moyles, Janet. et al, *A excelência do brincar*. Porto Alegre: Artmed, 2006

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: Da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HISLAM, Jane. “**Experiências do brincar diferenciadas pelo sexo e pela escolha das crianças**”. In: Moyles, Janet. et al, *A excelência do brincar/ Porto Alegre: Artmed, 2006*

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 1996.

HURST, Victoria. “**Observando o brincar na primeira infância**”. In: Moyles, Janet. et al, *A excelência do brincar*. Porto Alegre: Artmed, 2006

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5ª edição, São Paulo: Cortez, 2001

_____. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002

KRAMER, Sonia. **A política pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce** edição. São Paulo: Cortez, 2006. Biblioteca da educação- Série 1- Escola; V. 3

LUBISCO, Nídia e VIEIRA, Sônia Chagas, SANTANA, Isnaia Veiga. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 4.ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

LUCKESI, Cipriano (org.). **Educação e Ludicidade: Ensaio 1**, Salvador: Universidade Federal da Bahia- Faculdade de educação. 2000, v.1 Disponível em :<http://www.luckesi.com.br/bibliografias_atividades_ludicas.htm > Acesso 11 de outubro de 2010.

_____. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna** Ensaio 02. Salvador: Faced/Ufba, 2002. Disponível em <http://www.luckesi.com.br/bibliografias_atividades_ludicas.htm > Acesso 13 de setembro de 2010.

MOYLES, Janet R. et al, **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Zilma Ramos et al. **Creches: criança faz de conta & cia.** Petrópolis:Vozes,1992.

_____ **Educação Infantil: Fundamentos e métodos.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática.** 13 ed.. Campinas(SP): Papyrus .2007.

PIAGET, J. **A psicologia da criança.** Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ROCHA, Maria. **Não brinco mais: a (des)construção do brincar no cotidiano educacional.** Ijuí: Unijuí, 2000.

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa.** Revista SOCERJ. 2007. Disponível em <[Http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf](http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf)> Acesso em 10 de novembro de 2010.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____ **A formação social da mente.** São Paulo. Martins Fontes,1989.